



Natureza e Ser Humano na Amazônia Contemporânea

Naturaleza y Ser Humano en la Amazonía Contemporánea

Nature and human being in Contemporary Amazonia

Fecha de recepción: 14 de octubre de 2016 / Fecha de aceptación: 14 de noviembre de 2016

Escrito por: Marcio David Macedo da Silva⁵
Ligia Terezinha Lopes Simonian⁶

Resumo

Neste artigo percorrem-se as relações de sustentabilidade e consumo entre o ser humano e natureza a partir da capacidade de reprodução dos ecossistemas, em que cada ação, numa parte do ecossistema, gera alterações em outras partes, que podem, por sua vez, iniciar mudanças novas. A metodologia feita foi a qualitativa, com a aplicação do método de pesquisa bibliográfica, documental. As técnicas empregadas para a coleta desses dados foram as observações de campo e de pesquisa e produção de imagens fotográficas. Para a análise das informações é usada a técnica de análise de conteúdo e análise do mesmo entendimento. Nos resultados da faz-se uma discussão sobre contextos históricos, de economia de consumo e da cultura, com apresentação e análise da relação ser humano e natureza na realidade amazônica e, também, mundial, com ênfase na perspectiva de que esta relação é, antes de tudo, a relação do ser humano consigo mesmo. As conclusões revelam que, dando ênfase à cultura do açaí, as atividades extrativas podem contribuir com o desenvolvimento da região e fortalecimento de uma cadeia produtiva com vocação sustentável.

Resumen

En este artículo se trabajan las relaciones de sostenibilidad y consumo entre el ser humano y la naturaleza a partir de la capacidad de reproducción de los ecosistemas, en que cada acción en una parte del ecosistema, genera alteraciones en otras partes, que pueden, a su vez, empezar cambios nuevos. La metodología realizada fue la cualitativa, con la aplicación del método de investigación bibliográfica, documental. Las técnicas empleadas para la recolección de los datos fueron observaciones de campo y de investigación y, producción de imágenes fotográficas. Para el de análisis de la información se utilizó la técnica de análisis de contenido y análisis de la comprensión. En los resultados se hace una discusión acerca de los contextos históricos, de economía de consumo y de la cultura, con la presentación y análisis de la relación ser humano y naturaleza en la realidad amazónica y, también, mundial, con énfasis en la perspectiva de que esa relación es, antes de todo, la del ser humano consigo mismo. Las conclusiones revelan que, haciendo hincapié en el cultivo de acai, las actividades extractivas pueden contribuir al desarrollo de la región y el fortalecimiento de una cadena de producción sostenible con vocación.

⁵ Doutor em Ciências Socioambientais - NAEA/UFGA; Mestre em Comunicação e Linguagens - UTP/PR; Especialista em Comunicação Empresarial - PUC/PR. Professor da Universidade de Belém Pará, Brasil. E-mail: mdmacedos@yahoo.com.br

⁶ Doutorado em Antropologia pela City University of New York e pós-doutorado nessa mesma Universidade. É Professora Associada IV, Regime: Dedicación exclusiva, da Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil; junto ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA). Email: simonianl@gmail.com

Palavras-chave: Açaí, Amazônia, Consumo, Natureza, Sustentabilidade.

Palabras Clave: Acai Berry, Amazonía, Consumo, Naturaleza, Sostenibilidad.

Abstract

In this article, walk through sustainability and consumption relations between human and nature from the reproductive capacity of ecosystems, in which each action, a part of the ecosystem, generates changes in other parts, you can, in turn, start new changes. The methodology was qualitative, made with the application of the method of bibliographical research, documentary. Las empleadas techniques for la recolección de los datos were safety information field y de investigación y producción de imágenes, photographs. For the analysis of information is used the technique of content analysis and analysis of the same understanding. The results of a discussion on historical context, consumer economics and culture, with the presentation and analysis of the relationship human being and nature on Amazonian reality and world, too, with emphasis on the prospect that this relationship is, first of all, the relationship of the human being himself. The findings reveal that, emphasizing the cultivation of Acai, extractive activities can contribute to the development of the region and strengthening a sustainable production chain with vocation.

Key words: Acai, Amazon, Consumption, Nature, Sustainability.

Introdução

O tratar-se de sustentabilidade maior ou menor no que diz respeito à continuidade da relação ser humano e natureza está associado à capacidade de reprodução dos ecossistemas. Todos os seres vivos necessitam dos elementos da natureza ou recursos naturais. Por muito tempo, esses elementos foram considerados bens inesgotáveis e vistos pela perspectiva econômica, para manutenção de suas funções vitais. Segundo O'Meara (1999), “[...] as cidades de hoje ocupam 2% da superfície da Terra, mas consomem 75% de seus recursos [...]” (p. 24). Porém, com o aumento da população humana mundial e do consumo que faz, o espaço terrestre disponível pode não ser mais suficiente para sustentá-la e aos outros seres vivos.

Na compreensão de Cidin e Silva (2003, s. p.), “Muitos dos problemas mais sérios das cidades são consequências imprevistas de outras atividades, pois cada ação, numa parte do ecossistema, gera alterações em outras partes, que podem, por sua vez, iniciar novas mudanças”. Na atualidade, o ser humano enfrenta desafios sem precedentes quanto à capacidade limitada dos ecossistemas

em sustentar o nível atual de consumo material e as atividades econômicas, juntamente com o crescimento populacional. Ao acompanhar-se o pensamento de Callai (1993), a cidade como símbolo da civilização moderna reproduz o estágio avançado de artificialização das relações entre o ser humano e a natureza.

A natureza é cada vez mais vista como meio de se obter lucros, porém, a visão de que ela deve ser dominada, superada, conquistada, remete a épocas bem anteriores ao próprio capitalismo moderno. Para Albuquerque (2007), “O problema da sociedade atual é que as questões socioambientais revelam um modo de produzir cada vez mais insustentável, que visa ao lucro sem medir conseqüências e é baseado na produção industrial ininterrupta e no consumo de massa” (p. 10). E de acordo com Silva (2014), “Exemplar nessa direção é o equilíbrio ser humano/natureza, a essencialidade da produção, a conciliação entre exploração e preservação, o respeito às gerações futuras, a sustentabilidade etc.” (p. 67).

A temática ambiental surgiu como problema concreto em meados do século XX (Carson,





1962), somente quando a poluição, a extinção de inúmeras espécies animais e vegetais, o esgotamento de recursos naturais e o aquecimento global já se tornavam situações preocupantes. Nas sociedades consideradas primitivas, a natureza nem sequer era reconhecida como algo distinto dos seres humanos e de seus espaços de vida. Se as relações sociais não tivessem historicamente conduzido a uma ruptura entre o *mundo natural* e o *mundo social*, ainda hoje, talvez, o ser humano se enxergasse como parte da natureza.

Compram-se carros modernos, aparelhos de DVD de última tecnologia e computadores portáteis sem uma consciência ecológica de que cada pequeno detalhe que constitui esses produtos teve de ser construído com matéria e energia retiradas da natureza. As teorias econômicas também refletem essa alienação, como se a economia estivesse acima da natureza e, de acordo com Pádua e Lago (2004):

A ação da espécie humana, contudo, é de uma qualidade única na natureza. Pois, enquanto que as modificações causadas por todos os outros seres são quase sempre assimiláveis pelos mecanismos autorreguladores dos ecossistemas, não destruindo o equilíbrio ecológico, a ação humana possui um enorme potencial desequilibrador, ameaçando, muitas vezes, a própria permanência dos sistemas naturais. (p. 28)

A espécie humana age na natureza muito mais intensamente do que os outros animais, principalmente, pelo fato de atuar não somente para retirar o necessário para sua sobrevivência, mas também para satisfazer necessidades socialmente construídas.

Assim, a ação do ser humano sobre a natureza, ao contrário dos animais (estes consomem de maneira instintiva, homogênea e regular), é socialmente diferenciada e baseada em diversos tipos de motivação. Embora as necessidades humanas sejam socialmente construídas, a possibilidade de satisfazê-las é determinada pela disponibilidade de recursos naturais. Isso na medida em que apresentem

quantidade suficiente e apropriada para satisfazer as necessidades do ser humano por meio de seu trabalho.

Entretanto, o desejo do ser humano de exercer seu poder, subjugando plantas, animais, elementos naturais e até mesmo outros homens à sua vontade, vem acarretando diversas complicações ao longo da história. Os problemas socioambientais atuais são resultado de um processo longo, que teve início a partir do momento em que, de acordo com Mendonça (2005, p. 48), “[...] alguns seres humanos se sentiram em condições de subjugar as florestas e os povos que as habitavam e fazer prevalecer seus modos de ser e fazer a vida”. E concordando com Albuquerque (2007), “[Pode-se] até mesmo dizer que a desigualdade social e a crise sócio-ambiental são causadas, em sua raiz mais profunda, pelo desejo do ser humano de ser superior e exercer sua vontade sobre o meio ambiente e sobre os outros” (p. 25).

Um dos elementos mais utilizados ao longo da história, a madeira já havia se tornado escasso na Grécia, no final do século V a. C., e os romanos já reclamavam da poluição do ar antes de Cristo (Mendonça, 2005). O ser humano sempre interferiu na natureza, porém, nem sempre essa interferência causou tantos problemas socioambientais. De acordo com Mendonça (2005):

A diferença é que hoje a velocidade de extração dos recursos naturais é extremamente acelerada e os subprodutos gerados por essa transformação não são reintegráveis aos ciclos naturais, ficando depositados nos solos, nas águas e no ar, em diversas formas de poluição. As armas de guerras são mais devastadoras. Mas os impactos negativos de nossa ação são mais antigos do que costumamos imaginar. (p. 68)

Algumas sociedades indígenas são testemunhas vivas da relação entre o ser humano e a natureza no período pré-histórico, onde ambos eram um só e não poderiam separar-se.

É razoável pensar que sempre houve exclusão, guerras e injustiça e que, portanto, essas são características inerentes ao ser humano de qualquer época, sendo impossível uma sociedade viver sem tais conflitos. Contudo, segundo Albuquerque (2007), “[...] na pré-história, os povos de cultura matriarcal mantinham uma relação equilibrada e harmoniosa com a natureza e com seus companheiros, repartindo o alimento que conseguiam e ajudando-se mutuamente” (p. 32). No entanto, isso não significa que as sociedades pré-históricas não conhecessem as dificuldades e os conflitos existentes entre grupos de regiões diversas e disputas internas quando havia escassez de alimento ou moradia.

Abordagem metodológica

Do ponto de metodológico, trabalhou-se com uma abordagem qualitativa, o que envolveu pesquisa bibliográfica, documental e também observações feitas em campo e pesquisa e a imagética de produção fotográfica. Como método de análise usou-se a ‘análise de conteúdo’ e a partir do entendimento de Bardin (2006), que propõe a análise das mensagens – em termos de conteúdo e expressão desse conteúdo – e, inclusive, permitindo inferências. Mas seus limites não de ser ressaltados, como os propostos entre outros por Flick (2009), ao afirmar que “[...] a interpretação de dados é a essência da pesquisa qualitativa, embora sua importância seja vista de forma diferenciada nas diversas abordagens” (p. 276).

A utilização de fotografias e de figuras ressalta a importância da imagética ou visualidades, as quais são essenciais para a compreensão da relação natureza e ser humano. Vejam-se Malinowski (Samain, 1995) e Simonian (2007) sobre a centralidade desses materiais na produção científica. Ainda, elas revelam conteúdos ou mensagens, o que é essencial para a construção dessa relação e para as suas implicações teóricas e sociais.

Feitas estas considerações introdutórias e metodológicas, o que segue é uma discussão sobre a relação que historicamente se estabelece

e também sobre os contextos de uma economia de consumo e da cultura. Depois, apresenta-se e analisa-se a relação ser humano e natureza nos contextos amazônico e mundial. Por fim, têm-se, ainda que sucintamente, as conclusões as quais revelam que, dando ênfase à cultura do açaí, as atividades extrativas podem contribuir com o desenvolvimento da região e fortalecimento de uma cadeia produtiva com vocação sustentável.

Aspectos Teóricos sobre a Relação Ser Humano E Natureza

As raízes de nossas crises globais atuais remontam a algumas mudanças grandes que foram ocorrendo gradativamente na passagem do período pré-histórico para o período histórico. A análise da historiadora Eisler (1989) sugere que o problema não se encontra na tecnologia em si, mas na ênfase dada a seu uso, o que amplia os horizontes e abre a mente para possibilidades novas, visto que o desenvolvimento de tecnologias, como o das artes, é expressão fundamental da natureza humana. Antes, o modo de pensamento era coletivo e participativo e permitia entender a comunhão das pessoas com os rebanhos, as pastagens e os outros animais, enfim, com a natureza.

Na separação entre sujeito (ser humano) e objeto (natureza), está a gênese dos problemas ambientais, pois acabou provocando uma falsa impressão de que, se o ser humano não faz parte da natureza, interferir nela não trará consequências para ele, tornando-se um simples objeto de exploração. A relação ser humano/natureza é, antes de tudo, uma relação do ser humano com ele mesmo, que age na natureza a partir de sua vontade e de seus planos. Embora a natureza tenha uma dinâmica própria de transformação, o ser humano também causa problemas ambientais que ameaçam extinguir a espécie humana.





Foi na Idade Moderna que se desenvolveu uma concepção de *Physis*⁷ que já era considerada inferior ao ser humano e deixou de ser orgânica e divina e passou a ser racional e controlável, ficando pronta para funcionar como fonte de matérias-primas para as indústrias. Desde então, a intensidade da ação do ser humano sobre a natureza só tem se tornado maior como visto na formação da sociedade de consumo, na substituição tecnológica rápida característica da Revolução Tecnocientífica. A crise socioambiental tem se agravado a cada dia e se manifestado de maneiras diversas, como se pode constatar com as consequências do aquecimento global, dos tipos variados de poluição, da chuva ácida, da escassez de recursos naturais e de água potável, entre outros fenômenos.

O consumo é um fator crítico na relação entre pessoas e o ambiente, pois a humanidade tenta modificar o ambiente físico para atender as suas necessidades imediatas, porém, sem respeitar os processos naturais que permitem a reprodução dos ecossistemas. Para Cidin e Silva (2003), “Apesar dos alcances tecnológicos, econômicos e culturais, o ser humano permanece um ser ecológico como qualquer outra espécie, dependentes da natureza” (s. p.). Com a aceleração do tempo capitalista, há o descompasso entre o tempo de regeneração, a formação da biosfera e o tempo de consumo e transformação em produtos não-recicláveis ou de alta entropia por parte do sistema econômico.

Mesmo com o consumo intenso dos recursos naturais nos últimos anos, a natureza possui uma reserva de recursos que, por algum tempo, pode ser usufruída pela humanidade. Assim, os excessos praticados pelo ser humano passam despercebidos ante a adaptação humana aos problemas: por exemplo, se a camada de ozônio é danificada, usa-se mais bloqueador solar, se falta água aqui, busca-se em outro lugar etc. Esse *overshoot* enfraquece como se depreende de Cidin e Silva (2003, s. p.), as reservas da natureza

diminuem a sua capacidade de regenerar-se, afetada principalmente pela humanidade, que terá que reverter tal situação para sua própria sobrevivência.

Conforme Koshiba (2004), “Houve práticas capitalistas muito antes da existência do capitalismo como sistema econômico” (p. 228). Mas foi na Era Moderna que produzir para vender e lucrar tornou-se a regra geral. Desse modo, foram se desenvolvendo na Europa as condições necessárias para o capitalismo industrial e a expansão ultramarina e a colonização da América abasteceram o mercado europeu com riquezas que aceleraram a acumulação de capitais. É importante destacar, aqui, que o capitalismo é uma construção histórica e não uma realidade inerente à existência do ser humano.

A partir do século XIX, ciência e técnica passam a adquirir um significado central na sociedade. A natureza, cada vez mais tratada como algo a ser dominado e possuído, passa a ser dividida em biológica, física e química e o ser humano é dividido em antropológico, histórico, sociológico, psicológico, econômico e político, o que, aliás, não escapou a Marx (2011; 1981-1975), principalmente quando trata das sociedades pré-capitalistas e das relações de trabalho. Efetivamente antes integrado, o mundo passa a ser dividido em áreas do saber fragmentadas, com a impressão falsa de que são independentes e não se interrelacionam.

A Era Contemporânea teve início com a Revolução Francesa, em 1789, e permanece até hoje. O capitalismo do mundo contemporâneo é um sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção e na propriedade intelectual, que tem como objetivo a obtenção de lucro através do risco do investimento. Nas palavras de Albuquerque (2007), “A sociedade de consumo atual é caracterizada por profundas crises sócio-ambientais e sócio-econômicas, resultantes do ideal do progresso e do

⁷ *Physis* vem do verbo *phyomai*, que significa emergir, nascer, crescer: processo de nascimento. Designa tudo aquilo que brota, cresce, surge, vem a ser. É tudo o que é vivo, é a força

originária criadora de todos os seres, responsável pelo surgimento, transformação e degeneração deles (Chauí, 1994).

desenvolvimento tecnológico” (p. 48). A produção em massa de produtos muitas vezes supérfluos estimula a degradação ambiental e a exploração dos elementos naturais em tal velocidade e intensidade que se torna impossível para a natureza se recompor na escala de tempo humana.

Para influir nas mudanças de hábitos da população, as indústrias de produção de bens começaram a se integrar às empresas de prestação de serviços, especificamente aos meios de comunicação de massa, como jornais, televisão e rádio. Essas empresas procuram estimular o interesse nas pessoas de uso de novos produtos, principalmente através de propagandas. Nas palavras de Kupstas (1997), “A associação entre esse modelo de produção em série, adotado pelas indústrias, e as empresas de prestação de serviços caracterizam uma nova sociedade: a sociedade de consumo” (p. 99).

Entende-se “sociedade de consumo”, de acordo com Baudrillard (2006), como sendo o estágio atual da sociedade, iniciado nos fins do século XX, com registro de aumento da oferta e consumo de bens, produtos e serviços diversificados, desencadeando diversos problemas ambientais associados ao acúmulo de resíduos pós-consumo. Para ele, a sociedade de consumo não se caracteriza somente pela profusão de bens e serviços, mas também porque tudo é serviço. Ainda segundo Baudrillard (2006), “[...] o que se oferece para consumir nunca se apresenta como produto puro e simples, mas como serviço pessoal e como gratificação” (p. 18). Porém, o consumismo em excesso desencadeou diversos problemas ambientais, de dimensão perigosa tendo em vista a mudança no perfil do lixo produzido diariamente.

A sociedade de consumo tem sido caracterizada pelo uso de uma quantidade de bens e serviços muito maior do que a necessária, sendo o termo “consumismo” referido à atividade de usar os recursos naturais até a exaustão. Assim, devido ao uso excessivo desses recursos e da produção excessiva de lixo e poluição, a sociedade de consumo global vem

despertando para a necessidade de se minimizarem os efeitos dessa produção desenfreada de bens supérfluos. Segundo essa ideologia, para Pádua e Lago (2004), “[...] o crescimento acelerado e sem limites da produção material não só é possível e necessário, como também define o próprio nível de ‘progresso’ do país” (p. 46).

O conhecimento sobre o planeta ainda é pequeno, mas suficiente para saber que é preciso aprender a habitá-lo e usufruir dele de maneira consciente e responsável, para que possa sustentar também as gerações futuras. E de acordo com Fernandez (2004), as alterações ambientais ocorrem por inumeráveis causas, muitas denominadas naturais e outras oriundas de intervenções antropológicas, ou seja, não naturais. Porém, é fato que o desenvolvimento tecnológico contemporâneo e as culturas das comunidades têm contribuído para que essas alterações no e do ambiente se intensifiquem, especialmente no ambiente urbano.

O morador urbano anseia viver, independentemente de classe social, em um ambiente saudável que apresente as melhores condições que favoreçam a qualidade de vida. Entretanto, para Mucelin e Bellini (2008), “[...] observar um ambiente urbano implica em perceber que o uso, as crenças e hábitos do morador cidadão têm promovido alterações ambientais e impactos significativos no ecossistema urbano” (p. 112). É nesse contexto que se observa, de acordo com Capra (2006), “[...] por meio dos fluxos financeiros globais, a tentativa de desagregação entre os elementos trabalho e capital [...] graças ao avanço da tecnologia, desvinculando-se do trabalho humano” (p. 148-149).

No campo econômico, ocorreu o surgimento de um mercado e de empresas globais com o conseqüente declínio das empresas nacionais, especialização flexível e descentralização da produção. No campo social, houve a intensificação da cultura e ideologia em direção ao desenvolvimento e promoção de modos de pensamento e comportamento mais individualistas. É a globalização – fenômeno





determinante de aprofundamento da integração política, econômica, social, cultural – resulta do crescimento acentuado das trocas de mercadorias, da intensificação dos movimentos de capitais, da circulação de pessoas, do conhecimento, da informação e de contradições resistentes.

Ainda conforme assinala Mucelin e Bellini (2008), “O modelo econômico atual traz consigo o desenvolvimento tecnológico, criado e gerado para o conforto e o bem-estar do indivíduo, levando à intensificação do uso de materiais descartáveis, ocasionando, por conseguinte, um aumento da quantidade de resíduos gerados e não utilizados pelo indivíduo” (p. 112). Essa possibilidade de esgotamento dos recursos naturais, bem como as demais preocupações levantadas pelos ambientalistas precede uma captura das ideias de preservação ambiental pelos mercados com vistas a sua própria sobrevivência.

Isso porque, de acordo com Capra (2006), “[...] a desigualdade social e a degradação ambiental começam a aparecer – junto com o desenvolvimento da globalização – como fatores que geram certo ressentimento da sociedade, em vista das consequências negativas ocasionadas” (p. 167). Nesse sentido, tais consequências do uso desmedido dos recursos naturais lançam luz à Amazônia. Essa é região de maior e mais rica biosociodiversidade do planeta, com as suas possibilidades variadas de economias sustentáveis.

Resultados.

Seres Humanos e Natureza na Amazônia. A Amazônia não é homogênea, ao contrário, é uma região complexa e diversificada, que contrasta com a visão externa à região, homogeneizadora e que a vê como floresta, como atrasada, como reserva de recursos, como fundo do Brasil. Tal visão é construída, de acordo com Santos, Salgado e Pimentel (2012), “[...] principalmente pelas populações citadinas, por sobreviverem a partir da pesca, extrativismo vegetal e pequenas plantações de subsistência, com vida e dinâmicas

regidas pelo tempo da natureza, o rio” (p. 1). Nesse sentido, é necessário entender essa realidade amazônica diferenciada para se poder compreendê-la, a partir do entendimento necessário de que muitos dos modos de vida da região ocorrem por meio de uma relação histórica com o meio ambiente mais natural.

O olhar estrangeiro imagina-os pessoas que vivem na beira do rio, com uma economia fraca sustentada por uma pesca rudimentar, limitada criação de animais e uma pequena agricultura familiar de subsistência. Para Santos, Salgado e Pimentel (2012), “[...] sendo herdeiros dos conhecimentos de antepassados indígenas e tantos que se aventuraram no meio da região amazônica, [os ribeirinhos] usufruem da natureza de maneira responsável, pois é dela que provêm [...] também o sustento” (p. 4). Assim, interessa observar o modo como esse grupo contribui para a implantação de uma política nova de acesso e uso de recursos naturais na Amazônia, mesmo que destituído de força econômica e de poder político.

Mas esses povos desenvolveram um *modus vivendi* centrado na biodiversidade e na sustentabilidade (Simonian, 2005), isso ao longo de milênios ou mesmo de centenas de anos. E, desde então, por certo muitas contradições vêm permeando tais trajetórias. Precisamente, para Fraxe, Witkoski e Miguez (2009):

[...] é preciso entender que os povos da Amazônia não vivem isolados no tempo e no espaço, pelo contrário, sempre estabeleceram — e continuam a estabelecer — relações de trocas materiais e simbólicas entre si, com as comunidades vizinhas e com os agentes mediadores da cultura, entre o mundo rural e o urbano e a vida em escala global. (p. 30)

A ideia de que esses povos sustentam um modo de vida estritamente tradicional não pode ser reificada, tal como se vivessem de modo estático e congelado.

Por sua vez, as populações tradicionais apresentam uma relação menos impactante para o meio ambiente, isso porque existe uma relação

simbiótica destas com a floresta e seus saberes tradicionais asseguram essa relação (Simonian, 1997, apud Cardoso, 2010). Suas manifestações culturais e sociais se expandem pelo mundo urbano e vice-versa, ainda que reproduzam manifestações ditas tradicionais em suas vidas cotidianas. É preciso perceber que, para além da paisagem natural, harmônica e romântica, há paisagens socialmente construídas em relações contrastantes e contraditórias.

Nessa perspectiva, a região amazônica oferece vantagens competitivas enormes pela sua floresta imensa e proporciona às suas populações a chance de trabalho e renda com recursos extraídos da natureza que os cerca. Para Bastos, Lopes e Figueiredo (2012), “Essa proporciona uma diversidade de alternativas em relação a produtos que podem conquistar o mercado nacional e internacional” (s. p). Tais produtos podem oferecer ao mercado consumidor novidades e, assim, criar tendências inovadoras de consumo.

Em contrapartida, o crescimento pela busca de produtos ecologicamente corretos aparece como opção de consumo para produtos extrativos e amazônicos, um dos principais incentivos às indústrias dedicarem parte de seus produtos a esse nicho de mercado. Com isso, as oportunidades economicamente viáveis existentes na Amazônia são bem mais amplas do que o agronegócio somente, aproveitando-se das vantagens competitivas da própria biodiversidade da região para o desenvolvimento do ecomércio ou *ecobusiness*.

De acordo com Pressler (2008), ecomércio “[...] é caracterizado por produtos florestais não madeireiros que têm entrado no mercado nacional e internacional com a “marca” da preservação da natureza em que estão implícito negócios sustentáveis” (p. 5). O modo sustentável de manejo desses produtos e a promessa de preservar a natureza são as principais condições para serem aceitos e negociados nos mercados globais. Os negócios

de produtos não-madeireiros, inclusive a comercialização do açaí (fruto do açaizeiro; *Euterpe oleracea* Mart.), que será tratado a seguir, fortalece a rede de empreendimentos local e proporcionam o desenvolvimento social de populações tradicionais.

No mercado de ecomércio, o Pará tem se destacado pela produção de óleos provenientes de sementes (da andiroba e da castanha-da-amazônia), óleo-resina proveniente do tronco da copaíba; óleo de palma (extraído da polpa do dendê) e do óleo do palmiste (extraído das amêndoas do dendê)⁸. Também, é produtor de óleo essencial de açaí (matéria-prima para a indústria de cosméticos), das raízes do açaí utilizadas na medicina tradicional e de confecção de biojoias, bijuterias elaboradas com sementes e outros materiais de origem vegetal (NUMA/UFPA, 2003). De toda a região amazônica e segundo o IBGE (2015), o estado do Pará situa-se como o produtor principal do fruto do açaí, com produção média de mais de 109 mil toneladas por ano, como se vê na Tabela 1.

Tabela 1: Oferta de fruto e demanda de vinho e polpa de açaí no estado do Pará.

Ano	Toneladas
2010	106.562
2011	109.345
2012	110.937
2013	111.073
2014	109.759

Fonte: IBGE, 2015.

A problemática sobre o açaí na Amazônia é objeto de pesquisas acadêmicas como em Carvalho (2007), Cohen, *et al.*, (2006), Corrêa (2010), Santana, Costa (2006), Grossmann, *et al.* (2004), Guimarães (1998), Marinho (2005), Mourão (1999), Rogez (2000) e Simonian (2014). Os trabalhos destacam desde o processo de extração e manejo nos açaizais, até a criação de produtos como energéticos e mix com outras frutas regionais, melhoramento da produção e produtividade, propaganda, percepções dos consumidores, uma imagética sobre o açaí e a

⁸ Respectivamente, da *Carapa guianensis*, da *Bertholletia excelsa*, da *Copaifera langsdorffii* e da *Elaeis guineensis*.





cultura. Nas imagens abaixo (Figuras 1 a 4), têm-se aspectos dessas questões⁹.



Figura 1. Bandeira indicativa de posto de venda de polpa ou vinho de açaí; São Sebastião da Boa Vista, Pará.

Fonte e autoria: Simonian, L. (2012).



Figura 2. Polpa ou vinho de açaí preparada artesanalmente; Cametá, Pará.

Fonte e autoria: Simonian, L. (2012).

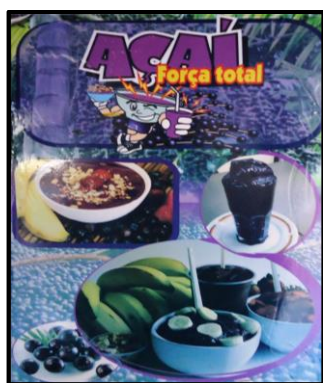


Figura 3. Açaí puro e em mix de frutas, de cereais; Guajará Mirim, Rondônia.

Fonte e autoria: Simonian, L. (2012).



Figura 4. Placa do Festival do Açaí de 2013; Inhangapi, Pará.

Fonte e autoria: Simonian, L. (2013).

Conforme Xavier, Oliveira e Oliveira (2011), “O açaizeiro [...] é uma palmeira tipicamente de regiões tropicais, principalmente da região amazônica, destacando-se entre os diversos recursos vegetais existentes pela abundância e produção de um importante alimento para as populações locais, em especial as ribeirinhas” (p. 2). Sua ocorrência se dá ao longo do estuário amazônico, além das áreas de várzeas e dos igapós, sendo bastante comum a concentração de açaizeiros naturais conhecidos como *açaizais*.

É consumido na refeição principal, puro ou misturado com farinha de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e/ou açúcar, acompanhado ou não de peixe frito ou carne de seca e é um importante alimento não só de ribeirinhos, mas também da população urbana. De acordo com Cunha (2006):

Em outras regiões brasileiras, esse vinho é consumido como bebida energética, misturada com cereais, xarope de guaraná e outras frutas tropicais. Em alguns municípios paraenses, o açaí também é utilizado na produção de sorvetes, geléias, iogurtes, licores, doces, bolos, pudins e bombons de chocolate com recheio de polpa da fruta. (p. 21)

Além da região amazônica a palmeira também é encontrada nos estados do Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Tocantins e países da América do

⁹ Para uma imagética mais ampla sobre o açaí no contexto econômico e cultural, especialmente de Belém do Pará, ver Simonian (2014).

Sul (Venezuela, Colômbia, Equador, Suriname e Guiana) e América Central (Panamá).

Como posto recentemente por Simonian (2014), “A exploração dos açaizais e a utilização do vinho de açaí em Belém do Pará e mesmo na Pan-Amazônia remontam a tempos passados e míticos e às primeiras ocupações humanas da região” (p. 8). A relação íntima que os povos ribeirinhos desenvolvem com o açaí tem origem em sua ancestralidade vinculada aos povos indígenas, cuja história mostra que a utilidade do açaizeiro é integral. Hoje, uma bebida e cultura alimentar da floresta foi transformada em produto de exportação para locais distantes e consumidas por pessoas que nada ou pouco sabem da sua origem.

Como relata Homma (2006), “Como sinal de luxo, reluzentes máquinas de beneficiar açaí, movidas a gerador, enfeitam o interior de diversas moradias, deixando para trás a trabalhosa tarefa de amassar com as próprias mãos” (p. 9). As casinhas antigas com alguns pés de açaizeiros de outrora, semelhantes às paisagens idílicas de Paul Gauguin (1848-1903) sofreram grandes transformações. Assim, o extrativismo do açaizeiro no estuário amazônico constitui-se, seja via coleta dos frutos para produção da polpa, seja pelo corte da palmeira para a extração do palmito, em um processo econômico, social e cultural.

Para Silva, Santana e Reis (2006), “A motivação do consumo se dá por razões que sobrepõem a necessidade alimentar, mas envolvem questões culturais e principalmente por estética e saúde, em função das propriedades rejuvenescedoras, a exemplo da antocianina, que o açaí contém”. (p. 27) Ainda, em estudo de Santana e de Costa (2006), demonstrou-se que o açaí se transformou em bem de luxo. Isso em função de ter qualidade, valor agregado e de o produto ser adequado ao hábito de consumo em mercados no restante do Brasil e no exterior.

Nessa direção, o comércio do açaí ganhou proporções nacionais e internacionais. Isso pode ser minimamente observado nas imagens abaixo

(Figuras 5 e 6). Dentre outros aspectos, as propriedades medicinais e o “sabor amazônico” passaram a ser conhecidos e ganharam destaque mundial:



Figura 5. Chá de açaí, proposto para emagrecimento.

Fonte: Imagens Google.



Figura 6: Suco orgânico misto de açaí com mirtilo (*Vaccinium myrtillus*).

Fonte: Imagens Google.

O investimento econômico, social e simbólico nas cadeias produtivas de produtos de base extrativista tem, assim, o potencial de a espécie humana explorar os recursos provenientes das florestas. E a expectativa é de que isso seja feito com sustentabilidade (Silva, 2014; Simonian, 2014). Inclusive, é fundamental que se viabilize a ampliação da capacidade de regeneração desse recurso natural.



Conclusão

O planejamento ambiental com interesse meramente econômico precisa ser reavaliado, pois, até então o acelerado desenvolvimento industrial passou a provocar graves consequências como, por exemplo: poluição, desigualdades sociais e também um acelerado crescimento da criminalidade além do alto consumo. A concepção de desenvolvimento econômico foi concebida como sinônimo de crescimento econômico. Partiu-se da ideia de que todos os países tinham que seguir o padrão de progresso dos países ricos do primeiro mundo.

Note-se que os elementos fundamentais desse padrão eram: a inovação científica e tecnológica e o crescimento econômico contínuo e ilimitado. Dentro desse contexto, o desafio maior na Amazônia é conciliar a preservação do meio ambiente com as atividades econômicas necessárias e fundamentais. E, notadamente, as que são importantes para a população local.

Este tipo de atividade econômica com preservação possibilita também a redução de explorações agrícolas predatórias e irracionais, que levam ao esgotamento do solo e ao fim da possibilidade de uso dessas terras. É preciso criar uma modalidade nova de relação com a natureza, sendo necessário sair do comodismo e do conforto oferecidos pela sociedade de consumo e avançar em busca da sustentabilidade. Os processos dos últimos 400 anos podem ter sido um tempo longo, mas talvez necessário e suficiente, para uma tomada de consciência e para a construção de um projeto de vida integrado com os mitos da terra e com a contemporaneidade de um século novo.

Para haver interrelação entre o meio natural e o social, será relevante que haja educação e/ou reeducação da sociedade além de uma interação social voltada às questões ambientais. Continuar com a negação de que os seres humanos não fazem parte da natureza é um equívoco, pois, é visível que a ação antrópica deixa remanescentes

gravíssimos ao meio ambiente. Diante dos desastres ambientais inegáveis que vêm ocorrendo e do risco iminente da destruição de milhões de espécies, incluindo a humana, é primordial repensar-se a atuação sobre o planeta e para onde o antropocentrismo está levando a humanidade, que nega a dependência que tem da natureza.

É necessário restabelecer prioridades, modificar a concepção que se tem da natureza e reconstruir as bases da organização socioeconômica. Caso contrário, qualquer esforço no sentido de tentar minimizar ou eliminar os problemas ambientais será apenas paliativo e não representará uma mudança duradoura e sustentável. É fundamental que se reconheça a existência de limites biológicos e físicos da natureza, a parte principal da sustentabilidade, para que se entenda que para se reduzir os impactos de maneira igualitária, é preciso que o excesso e a falta encontrem um equilíbrio, mesmo que tênue, para aprofundamento das dimensões ética e social.

Referências bibliográficas

- Albuquerque, B. P. de. (2007). *As relações entre o ser humano e a natureza e a crise sócio-ambiental*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz.
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego e A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).
- Bastos, M. F. S., Lopes, R. H. & Figueiredo, S. C. G. de (2012). A natureza amazônica como diferencial competitivo. VI ENANPPAS. Belém: Pará.
- Baudrillard, J. (2006). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Callai, H. (1993). A cidade e a (re) criação da relação homem-natureza. *Ciência & Ambiente. Gov. do Estado de São Paulo*, 4(7), 43-53.

- Capra, F. (2006). *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.
- Cardoso, D. M. (2010). Movelaria de cipó titica em Belém do Pará: produção e uso. In: Simonian, L. T. L. (Org.). *Belém do Pará: história, sociedade e cultura*. (pp. 421-447) Belém: NAEA/PBM.
- Carson, R. (1962). *Silent Spring*. Ed. Houghton Mifflin.
- Carvalho, A. V. (2007). *Otimização dos parâmetros tecnológicos para produção de estruturados de frutas funcionais a partir de polpa de açaí e "mix" de taperebá com mamão*. Belém: Embrapa Amazônia oriental e Ministério da Agricultura, Pecuária e abastecimento.
- Chaui, M. (1994). *Introdução à história da filosofia*. V. I. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Cidin, R. da C. P. J. & Silva, R. S. da. (2003). A pegada ecológica em relação ao homem, à natureza e à cidade. Em V Encontro Nacional da EcoEco. Caxias do Sul. Recuperado de http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/_en/Mesa3/1.pdf. Acesso em: 29 de abril de 2015.
- Cohen, K de O., et al. (2006). Quantificação do teor de antocianinas totais da polpa de açaí de diferentes populações de açazeiro. Belém: EMBRAPA Amazônia oriental.
- Corrêa, R. B. (2010). *Do território recurso ao território abrigo: modo de vida e o processo de valorização do açaí no município de Cametá/PA*. (Tese de Mestrado). Universidade Federal do Pará. Mestrado em Geografia. Belém do Pará, Brasil.
- Cunha, E. M. da. (2006). Mutirão e trabalhadoras de Igarapé-Miri: açaí como alternativa econômica no contexto de gênero. *Paper do NAEA, Belém, (206)*, 3-26.
- Eisler, R. (1989). *O cálice e a espada*. Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Fernandez, F. A. dos S. (2004). *O poema imperfeito: crônicas de Biologia, conservação da natureza, e seus heróis*. 2 ed. Curitiba: UFPR.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. (J. E. Costa, Trad). 3 ed. ed. São Paulo: Artmed. (Obra original publicada em 1995).
- Fontes, E. & Ribeiro, F. (2012). Os trabalhadores do açaí na Amazônia: cotidiano, natureza, memória e cultura. *História Oral, 1(15)*, 81-106.
- Fraxe, T. de J. P., Witkoski, A. C. & Miguez, S. F. (2009). O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. *Cienc. Cult. São Paulo, 61(3)*. Available from: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de abril de 2015.
- Grossmann, M., et al.. (2004). Planejamento participativo visando a um manejo sustentável dos açazais no estuário amazônico e regulamentações oficiais. In: Jardim, M. A. G., Mourão, L. e Grossmann, M. *Açaí: possibilidades e limites para o desenvolvimento sustentável no estuário amazônico* (pp. 123-134). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Guimarães, L. A. C. (1998). O açaí "parou" o carioca? Estudo qualitativo do consumo da polpa de açaí na cidade do Rio de Janeiro. *Paper do NAEA, Belém, (90)*, 7-23.
- Homma, A. K. O. et al. (2006). Açaí: novos desafios e tendências. *Amazônia: Ci. & Desenv, Belém, 1(2)*, 3-15.





- IBGE. (2014). *Produção da extração vegetal e silvicultura*. Recuperado de <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=289&z=p&o=29>. Acesso em: 01 de maio de 2015.
- Koshiba, L. & Pereira, D. M. F. (2004). *História geral e Brasil*. São Paulo: Ed. Atual.
- Kupstas, M. (Org.). (1997). *Ecologia em debate*. São Paulo: Editora Moderna,
- Marinho, J. A. M. (2005). *Dinâmica das relações socioeconômicas o extrativismo do açaí: o caso do médio Pracuuba, São Sebastião da Boa Vista, Marajó (PA)*. (Tese de Mestrado). Universidade Federal do Pará, Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento Belém do Pará, Brasil.
- Marx, K. (2011). *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858; esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo.
- _____ (1975-1981). *El capital: crítica de la economía política*. Tomos I, II, III. México, D.F.: Siglo XXI.
- Mendonça, R. (2005). *Conservar e criar: natureza, cultura e complexidade*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo.
- Mourão, L. (2004). Açaizeiro: Açaí e palmito no estuário amazônico. In: Jardim, M. A. G., Mourão, L. e Groissmann, M. (Org.). *Açaí: possibilidades e limites para o desenvolvimento sustentável no estuário Amazônico*. (pp. 181-204). Belém: MPEG.
- Mourão, L. (1999). *Do açaí ao palmito: história ecológica das permanências, tensões e rupturas no estuário amazônico*. (Tese Doutorado). Universidade Federal do Pará. Doutorado em Desenvolvimento Sustentável no Trópico Úmido. Belém do Pará, Brasil.
- Mucelin, C. A. & Bellini, M. (2008). Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. *Sociedade & Natureza, Uberlândia, UFU, 20(1)*, 111-124.
- Nogueira, O. L. & Homma, A. K. O. (1998). Importância do manejo de recursos extrativos em aumentar a carrying capacity: o caso de açaizeiros (*Euterpe oleracea* Mart.) no estuário amazônico. In: Aguiar, D. R. D. e Pinho, J. B. (Ed.). *Agronegócio brasileiro: desafios e perspectivas*. (pp. 31-35), V. 2. Brasília: SOBER.
- NUMA/UFPA. (2003). *Biodiversidade da Amazônia: usos e potencialidades dos mais importantes produtos naturais do Pará*. Recuperado de <http://journals.royalsociety.org>. Acesso em 22 abril de 2015.
- O'Meara, M. (1999). *Explorando uma nova visão para as cidades. Estado do Mundo*. Recuperado de http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/v_en/Mesa3/1.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2015.
- Pádua, J. A. & Lago, A. (2004). *O que é ecologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Pressler, N. (2008). Ecomércio e narrativas das organizações na Amazônia: comunicação e experiência das comunidades tradicionais na comercialização do açaí. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Em XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal.
- Rodríguez, J. M. M. (2009). *Educação ambiental e desenvolvimento sustentável: problemática, tendências e desafios*. Fortaleza: UFC.

- Rogez, H. (2000). *Açaí: preparo, composição e melhoramento da conservação*. Belém: EDUFPA.
- Samain, E. (1995). “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 1* (2), 23-60.
- Santana, A. C. de & Costa, F. de A. (2006). *Mercado de açaí no estado do Pará*. Belém: UFRA/UFPA. 19 p. (mimeo.).
- Santos, C. R. G. dos, Salgado, M. S. & Pimentel, M. A. da S. (2012). Ribeirinhos da Amazônia: modo de vida e relação com a natureza. Em V Encontro da Rede de Estudos Rurais. Recuperado de <https://rederural5.wordpress.com/>. Acessado em 25 de abril de 2015.
- Silva, I. M. da, Santana, A. C. de & Reis, M. da S. (2006). Análise dos retornos sociais oriundos de adoção tecnológica na cultura do açaí no estado do Pará. *Amazônia: Ci. & Desenv. Belém, 2* (3), 25-37.
- Silva, M. D. M. da. (2014). *Publicidade e sustentabilidade: um diálogo possível? Uma visão crítica do pensamento de publicitários pan-amazônidas*. (Tese Doutorado). Universidade Federal do Pará. Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Belém do Pará, Brasil.
- Simonian, L. T. L. (2014). *Açaí, ah! Em Belém do Pará tem! Natureza, cultura e sustentabilidade*. Belém: Editora do NAEA; MAÇAÍ; PROEX; UFPA.
- _____ (2005). Saber local, biodiversidade e populações tradicionais: perspectivas analíticas, limites e potencial. In: Belas, C. A. & Moreira, E. (Org.). *Seminário Saber Local / Interesse Global [...] na Amazônia, Anais*. (pp. 59-93.). Belém: MPEG/CESUPA.
- Spirn, A. W. (1995). *O jardim de granito*. São Paulo: Editora Edusp.
- Xavier, L. N. B., Oliveira, E. A. de A. Q. & Oliveira, A. L. de. (2011). Extrativismo e manejo do açaí: atrativo amazônico favorecendo a economia regional. Em XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação. João Pessoa: Universidade do Vale do Paraíba. Brasil.

